

CELEBRAÇÕES: santos e devotos na tradição oral

Áurea Pinheiro*

Cássia Moura*

Resumo

Ao tomarmos os conceitos e os métodos da História e da Antropologia, apresentamos formas, cores, movimentos, dramatizações, teatralizações e diálogos mediados entre devotos e santos protetores. Narramos histórias de fé, de religiosidade e de espiritualidade. Histórias de devoção popular que marcam o cotidiano de uma comunidade, histórias que definem, aprofundam e fortalecem os vínculos de indivíduos uns com os outros e com seus ancestrais. Histórias presentes nas ruas, nas praças, nas casas, nos lugares de memória vivenciados, praticados e consumidos por fiéis em rituais, festas e celebrações tradicionais da cultura brasileira, nordestina e piauiense em particular. Histórias de homens, mulheres e crianças marcadas pela tradição cultural de um tempo presente, em rápida e constante transformação.

O trabalho materializado em livro e documentário etnográfico foram produzidos, via Edital do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco. Atualmente, realizamos a distribuição e divulgação dos produtos audiovisuais acompanhadas de oficinas de educação patrimonial com alunos, professores da escola básica [ensino fundamental e médio] e ensino superior nas comunidades pesquisadas e seu entorno.

Palavras chave: memória, ensino e patrimônio cultural.

Abstract

Through the concepts and methods of History and Anthropology we present shapes, colors, movement, drama, theatricality and mediated dialogues between worshipers and their patron saints. We narrate stories of faith, religion and spirituality. Stories of popular devotion that mark everyday life in a community, which define, strengthen and deepen the ties of individuals with each other and with their ancestors. These stories take place in streets, squares, in homes, and in places of memory that are experienced, practiced and consumed by believers in rituals, festivals and traditional celebrations of the culture of Brazil, the Northeast and, in particular, the state of Piauí. These are the histories of men, women and children marked by a cultural tradition of the present day, in rapid and constant transformation.

The book and ethnographic documentary were produced with the help of a grant from the Ministry of Culture's Monumenta Program/Iphan, with funding from the Inter-American Development Bank (IDB) and UNESCO's technical support. Currently, the distribution and presentations of the audiovisual product take place during heritage education workshops with students and teachers from schools (primary and high) and universities in the communities and surroundings where the research was carried out.

Key words: memory, teaching and cultural heritage.

Entre os meses de Março e Abril de 2009, a comunidade da cidade de Oeiras, primeira capital do Piauí, recebeu os resultados do trabalho financiado via edital do Programa

* Historiadora, professora da UFPI e líder do diretório de pesquisa/CNPq memória, ensino e patrimônio cultural. Trabalho produzido via Edital do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco.

* * Fotógrafa, produtora cultural e membro do diretório de pesquisa/CNPq memória, ensino e patrimônio cultural.

MONUMENTA/IPHAN do Ministério da Cultura, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e UNESCO.

A pesquisa se materializou no livro *Celebrações* e no documentário etnográfico *Congos: ritmo e devoção*. O trabalho foi iniciado em 2007 e teve como objeto de estudo o patrimônio de natureza imaterial do Piauí. Contou com o apoio da ANPUH - Associação Nacional de História – Seção Piauí; Humana: RH Serviços e Treinamento de Pessoal, Governo do Estado do Piauí e Educar: artes e ofícios.

Elegeram-se manifestações típicas da religiosidade piauiense; realizou-se um trabalho de sistematização de fontes e documentos disponíveis sobre *os Congos, a Procissão do Fogaréu e a Procissão de Bom Jesus dos Passos*. O livro e o documentário foram distribuídos a centros culturais, escolas, bibliotecas e universidades públicas do Piauí e estados do Norte e Nordeste, além de embaixadas.

Os pesquisadores voltaram à comunidade para o trabalho de divulgação e socialização das experiências e práticas compartilhadas ao longo da pesquisa de campo.

O estudo histórico-antropológico realizado pelo grupo de pesquisadores elegeu bens culturais relacionadas a um tipo de catolicismo popular típico e ainda significativo não só no solo piauiense, mas no nordeste brasileiro. A intenção é permitir que a sociedade reconheça e divulgue manifestações culturais brasileiras a partir do lugar onde se vive; valorize a identidade; preserve e conserve tradições seculares, recriadas cotidianamente, e promova a dinâmica econômico-social da localidade. Sabemos da necessidade de preservar saberes, experiências e práticas tradicionais, que divulguem e estimulem o fortalecimento de identidades culturais e permitam a melhoria das condições de vida das pessoas.

Ao longo de 2009, a equipe de pesquisadores continuará o trabalho iniciado em 2007, aproximação com comunidade, sobretudo com alunos e professores do ensino fundamental de Oeiras e entorno, por meio de oficinas de educação patrimonial. Acredita-se que não é suficiente apenas distribuir o material produzido, mas dialogar com os educadores sobre as potencialidades didáticas desses recursos no cotidiano das escolas e da comunidade. Defende-se que elaborar material didático, como livros paradidáticos e vídeos educativos sobre o Piauí e suas histórias - o que a equipe realiza desde 2006, por meio do projeto *Histórias do Piauí*, disponível no site www.historiasepatrimonio.com.br, contribui de forma incontestável para o conhecimento, divulgação e afirmação das identidades locais de grupos detentores de saberes e experiências; contribui para o conhecimento e reconhecimento da diversidade cultural brasileira e piauiense em particular. Defende-se ainda que a História do Piauí continue a ser escrita por brasileiros piauienses, que devem ser estimulados a prosseguirem com as suas

atividades de ensino, pesquisa e extensão, a exemplo do que já fazem muitos pesquisadores do Estado. Argumenta-se que é preciso que se estude a história a partir do local onde se vive e nesse sentido nada mais pertinente que tomar como referência elementos da cultura material e imaterial que pulsa no cotidiano das ruas, praças, bairros - lugares de memória das comunidades. Sabe-se que:

[...] Há mais de dois Nordeste e não um, muito menos o Norte maciço e único de que se fala tanto no Sul com exagero de simplificação. As especializações regionais de vida, de cultura e de tipo físico no Brasil estão ainda por serem traçadas [...]. (FREIRE, 2004:46).

A partir do olhar de uma historiadora e de uma fotógrafa apresentam-se formas, cores, movimentos, dramatizações, teatralizações e diálogos mediados entre devotos e santos protetores.

Narram-se histórias de fé, de religiosidade e de espiritualidade. Histórias de devoção popular que marcam o cotidiano de uma comunidade, que definem, aprofundam e fortalecem os vínculos de indivíduos uns com os outros e com seus ancestrais. Histórias presentes nas ruas, nas praças, nas casas, nos lugares de memória vivenciados, praticados e consumidos por fiéis em rituais, festas e celebrações tradicionais da cultura brasileira, nordestina e piauiense em particular. Histórias de homens, mulheres e crianças marcadas pela tradição cultural de um tempo presente, em rápida e constante transformação.

O convívio com os devotos em suas comunidades nos permitiu compreender que não existem histórias sem sentido e que é preciso encontrá-las até mesmo onde os outros não as vêem.

As vivências, os saberes e as práticas materializadas em ritos, festas e celebrações da cidade de Oeiras, no Piauí, lugar onde estão presentes bens culturais relativamente desconhecidos, são apresentados por meio de celebrações como: os *Congos*; a *Procissão de Bom Jesus dos Passos* e a *Procissão do Fogaréu*. Manifestações culturais profundamente ligadas ao processo de construção de identidade de parcela significativa da população piauiense, que se inscreve em um tipo de catolicismo popular típico e ainda significativo não só no solo piauiense, mas no nordeste brasileiro.

O Piauí do qual falamos está localizado a noroeste da Região Nordeste, na sub-região chamada de Meio-Norte do Brasil. Possui uma área de 251.529,186 Km² e uma população estimada em 3.036.290 habitantes. Sua capital é Teresina.

A colonização do Piauí se deu a partir de meados do século XVII, pelos movimentos de expansão da pecuária e de interiorização dos espaços coloniais da América Portuguesa.

Atraídos pela largueza das terras, pela abundância dos rios – condições propícias para a criação extensiva do gado –, contingentes de desbravadores se espalharam pela área intermediária entre a bacia do rio São Francisco e a região do Maranhão. Tornaram-se donos de currais, expulsaram e dizimaram as populações indígenas, conquistaram as terras e constituíram as elites locais que se mantiveram secularmente à frente da organização política e social aristocrática e interiorana que marcou a história deste espaço.

A formação histórica do Piauí se caracteriza também pela forte presença dos missionários franciscanos e jesuítas. Como em todo o Brasil, a Igreja Católica acompanhava a conquista dos espaços coloniais portugueses pela evangelização e catequese dos índios e pelos serviços religiosos prestados aos colonos.

No Piauí, a atuação da Igreja Católica nos séculos XVII e XVIII precedeu a constituição de vilas e cidades, pois, antes da instalação oficial da Capitania de São José do Piauí, os missionários já pregavam aos índios e faziam as desobrigas, percorrendo o sertão e administrando os sacramentos, quando as fazendas eram fixadas. A própria administração do Piauí colonial, baseada na fundação de vilas, foi montada de acordo com a pré-existência de freguesias, em diferentes e distantes lugares do território piauiense, pois onde havia uma freguesia católica, passou a existir uma vila e, futuramente, uma cidade. Os exploradores eram homens religiosos.

Essa marca da presença católica é responsável pelo substrato cultural profundamente religioso que permanecerá, com modificações e interferências, na formação cultural do Piauí, nas formas de religiosidade popular, nas práticas devocionais como na reza do terço, nas novenas, nas procissões, nos festejos e nas celebrações aos padroeiros em cidades do interior. No início do século XX, a Diocese do Piauí foi criada e buscou ordenar, direcionar o trabalho catequético sobre as populações locais, tendo em vista que muitas das práticas religiosas populares eram precariamente organizadas por irmandades religiosas leigas desde a segunda metade do século XIX, a exemplo das irmandades do Senhor Bom Jesus dos Passos, Nossa Senhora do Rosário e do Glorioso São Benedito, constituídas oficialmente em 1859 na cidade de Oeiras como sociedades de sepultamento, organizações de ajuda mútua, centros da vida religiosa e responsáveis por organizar ritos, festas e celebrações em louvor aos santos devotos dos irmãos. Nas irmandades, era admitida toda e qualquer pessoa, de qualquer sexo, condição e estado, contanto que professasse a religião católica.

O jesuíta André João Antonil, que viajou por todo o Brasil no final do século XVII, também mencionou como os escravizados nomeavam seus próprios reis, neste caso, em uma fazenda da Bahia. À tarde, após celebrar os dias de festa da Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e o santo patrono da capela da fazenda, os escravizados dançavam e cantavam por horas. Antonil descreve uma coroação rural de reis e rainhas que pode ter estado presente em todas as regiões açucareiras. Os jesuítas ajudaram ativamente a criação de irmandades do Rosário para os escravizados em todo o sertão do Brasil durante o século XVIII, e muitas delas provavelmente elegiam reis e rainhas. Por volta do século XVIII, a presença de reis como representantes oficiais nas irmandades religiosas leigas e nos quilombos tornou-se lugar comum nas capitanias do Brasil (KIDDY, 2008:172).

Ainda no período colonial, o Piauí esteve sob jurisdição da Bahia e depois do Maranhão. A posse e a propriedade das terras eram regulamentadas por cartas de sesmarias. A pecuária foi desenvolvida também pela ação dos padres jesuítas, da Companhia de Jesus, no século XVIII, momento em que atingiu ponto de maior desenvolvimento. Diferentes espaços do Brasil, como o Maranhão, o Ceará e as províncias do sul eram abastecidos pelos rebanhos originários do Piauí, até a expulsão dos jesuítas quando suas fazendas foram incorporadas à Coroa e entraram em declínio. Em 1811, o Piauí tornou-se uma capitania independente.

Em 1852, o Piauí, cuja capital era Oeiras, no centro do território, fixada em pleno sertão, teve inaugurada sua nova capital, Teresina, situada na foz do rio Parnaíba e planejada para abrir a economia e a sociedade piauiense às comunicações e aos contatos comerciais com o restante do império brasileiro. Apesar de desbancar o comércio da cidade de Caxias, no Maranhão, e ser ponto de contato mais próximo com a Europa e com o litoral, a nova capital não superou o caráter interiorano da sociedade piauiense, que perdurou ainda por muitas décadas e até bem recentemente, persistindo mesclado às sociabilidades e hábitos urbanos vindos de fora.

Quando os jesuítas iniciaram o processo de catequese das populações que habitavam a região, rituais tradicionais católicos passaram a se mesclar à devoção popular de culto às imagens, novenas, procissões e pagamento de promessas com a produção de ex-votos, capelas e altares domésticos. A contribuição cultural de escravos e índios materializa-se, sobretudo, na construção dos templos e em sua decoração, em uma infinidade de oratórios domésticos, símbolo da fé de uma colônia obcecada pela idéia de pecado.

Na imaginária produzida pelos artistas populares está presente ainda o ex-voto, que designa uma variedade de objetos doados por fiéis aos santos de sua proteção como forma de agradecimento por um pedido atendido. A prática de trocas simbólicas entre o santo e o devoto é uma manifestação artístico-religiosa que se liga diretamente à arte religiosa e popular

desde os primórdios da colonização portuguesa no Brasil. As motivações do presente votivo são muitas. No Piauí, as preces mais recorrentes dizem respeito à cura de doenças, pedidos por mais chuvas e por melhores colheitas; solicitações que se materializam em rituais de peregrinações a capelas e a santuários, procissões, celebrações e louvores aos santos de devoção. Com o processo de colonização portuguesa no Brasil e no Nordeste brasileiro, a prática de trocas simbólicas se popularizou. O santuário de Santa Cruz dos Milagres no Piauí é um desses lugares de peregrinação que recebe grande variedade de objetos trazidos pelos romeiros que ali se dirigem para pagar promessas.

No Piauí, desde o século XVIII, formas de convívio, sociabilidade e vivências revelam a existência de práticas religiosas de cultos domésticos com o uso de altares particulares produzidos em madeira. Os equipamentos da moradia colonial, móveis e apetrechos produzidos em madeira informam sobre a existência de práticas de produção de oratórios em madeira etc. “[...] as capelas [...] que reuniam os membros do domicílio, incluindo os escravos, foram sendo substituídas pelos oratórios, colocados em nichos nas paredes ou nos quartos [oratórios portáteis] para uso individual [...]” (ALGRANTI, 1997:103).

Para Luiz Mott (1997:164):

[...] Em muitas casas urbanas do Brasil antigo, conforme fixou a tradição oral, podia-se ver uma cruzinha de madeira pregada à porta de entrada; nas zonas rurais, um mastro, com a bandeira de um santo, revela aos visitantes a preferência da devoção familiar. Dentro de casa, uma série de imagens, quadros e amuletos sinalizam a presença do sagrado no espaço privado do lar.

No Brasil colonial, seguindo o costume português, desde o despertar o cristão se via rodeado de lembranças do Reino dos Céus. Na parede contígua à cama, havia sempre algum símbolo visível da fé cristã: um quadrinho ou caixilho com gravura do santo anjo da guarda ou do santo onomástico; uma pequena concha com água benta; o rosário dependurado na própria cabeceira da cama.

Construindo o panorama religioso do Brasil Colonial, Mott ainda destaca o fervor religioso de alguns católicos: “O testamento do sertanista Domingos Afonso Mafrense [1711] é especialmente ilustrativo nesse particular: deixou à Companhia de Jesus dezenas de fazendas no Piauí e riquíssimos imóveis na cidade da Bahia em troca de que lhe celebrassem todos os dias, ‘até o fim do mundo, uma missa pelo descanso eterno de sua alma’.” (MOTT, 1997).

No Piauí, o caráter religioso e devocional foi plantado pelos primeiros missionários jesuítas, que trouxeram a arte erudita e a apresentaram aos nativos, que usando a

inventividade cabocla se apropriaram de seu conteúdo para criar manifestações artísticas e práticas devocionais diversas.

Dagoberto Carvalho Jr.(1984) aponta que a religião católica no Piauí foi marcada desde os primórdios da colonização por práticas devocionais, com a presença de novenas, promessas e oratórios particulares.

A devoção popular, manifestada e ritualizada no culto a imagens de anjos e santos, nas procissões e nas promessas, foi e ainda é elemento marcante da religiosidade e espiritualidade da sociedade piauiense desde a colonização. Procissões ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres - PI e Oeiras - PI (Procissão de Bom Jesus do Passos) (PINHEIRO, 2008), às cidades de Canindé e Juazeiro, no Ceará, têm feito parte do calendário litúrgico, devocional e turístico de grande contingente da população piauiense, sobretudo do meio rural, deixando marcas profundas nas práticas religiosas e nos ambientes urbanos.

Um exemplo recorrente do que estamos afirmando se materializa nas origens da Arte Santeira do Piauí, que pode estar ligada à arte popular de talhar, esculpir anjos, santos e confeccionar ex-votos, também chamados de “milagres”, fabricados sob encomenda dos fiéis e utilizados com fins religiosos. Muitos artesãos santeiros piauienses começaram produzindo cabeças, pés, mãos e demais “pedaços” do corpo humano para o pagamento de promessas, levados pelos devotos a templos e a santuários. Essa prática, inclusive, era uma espécie de oferta religiosa não apenas para o fiel, que encomendava o ex-voto e o depositava na Igreja, santuário ou sala de milagres como gratidão por um pedido recebido, mas para aquele que fabricava a peça e não cobrava o pagamento. Ainda nos dias atuais, muitos artesãos se dedicam à prática de confecção de ex-votos, devido à procura de fiéis que frequentam igrejas e lugares de peregrinação e ali depositam o objeto-símbolo de sua promessa.

Ao longo da pesquisa, o trabalho de campo nos colocou desafios de método e epistemológicos, sobretudo, no que tange à produção de conhecimento sobre o Outro. Como estabelecer um diálogo entre os pesquisadores e os praticantes das festas, rituais e celebrações? Como estabelecer uma comunicação entre os praticantes e os informantes desses rituais, dessas celebrações?

Não é nossa pretensão ser autoridade nas histórias que narramos, mas apenas sermos capazes de promover uma autorreflexão e compreender o que vimos, ouvimos e sentimos na experiência com o trabalho de campo para a produção dos registros. Sabemos que essa postura autorreflexiva nos permitiu detectar continuidades, permanências, rupturas, memórias subterrâneas e muitas vezes em disputa; o que nos impõe desafios éticos enquanto pesquisadores, pois temos consciência de que o texto que produzimos é um produto reflexo de

uma síntese, organização e interpretação de dados e que não estamos isentos de nosso lugar social de fala.

Estamos convictos de que o material que produzimos não é capaz de repor a originalidade da realidade vista, vivida e sentida no trabalho de campo, levando-se em consideração um conjunto de variáveis que a pesquisa eventualmente não deu conta, e a própria inscrição da cultura na temporalidade submete a mudanças. Não temos como apreender a totalidade, a complexidade do real, daí por que a nossa descrição, mesmo que pretensamente densa, é parcial. Sabemos que as memórias capturadas são trabalhadas e permeadas de ressentimentos, conflitos e vivências construídas ao longo do tempo e de gerações. Nosso intento foi capturar os sentimentos dos praticantes, devotos, fiéis; os sentidos que atribuem às celebrações no momento particular de suas histórias de vida, percebendo a sedimentação de experiências e as contribuições do passado, aceitando ou rejeitando a abertura às mudanças e aos desafios do tempo presente.

Acreditamos que registrar o patrimônio cultural é contribuir para a preservação de saberes, experiências e práticas tradicionais, é permitir a divulgação e o fortalecimento de identidades culturais locais e proporcionar a melhoria das condições de vida cotidiana de uma dada comunidade.

É preciso que as populações conheçam e reconheçam as manifestações culturais de suas localidades como referências e elementos de sustentabilidade para sua comunidade. Daí acreditarmos em uma pesquisa desta natureza que visa promover e proteger as memórias e as manifestações culturais significativas da cultura local.

Em várias partes do mundo existem monumentos, sítios históricos e paisagens culturais, mas não só de bens culturais materiais se constitui a cultura de um povo. Há outras manifestações emblemáticas que exemplificam manifestações transmitidas oralmente, materializadas em rituais, em celebrações, em festas que são recriadas individual e coletivamente, modificadas ao longo do tempo, de geração em geração.

No Piauí, há exemplos significativos desses rituais, celebrações e festas dignos de serem recuperados, conhecidos e preservados como elementos importantes do patrimônio cultural brasileiro, não apenas para apreciar, mas para democratizar seu acesso e sugerir políticas de uso sustentável do patrimônio para as gerações futuras.

Ao longo da pesquisa identificamos, registramos, sistematizamos e construímos fontes significativas sobre a *Procissão de Bom Jesus dos Passos*, a *Procissão do Fogaréu* e os *Congos*, que hora apresentamos à comunidade.

Acreditamos que publicações desta natureza são instrumentos que possibilitam a ampliação de ações de salvaguarda e de educação patrimonial junto à sociedade, especialmente entre a comunidade de educadores e praticantes dessas celebrações, que há tempos anseiam por um conhecimento e reconhecimento desses bens como elementos formadores do patrimônio cultural brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: MELO E SOUSA, Laura; NOVAIS, Fernando A. (Orgs.). *História da vida privada no Brasil*. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo; Companhia das Letras, 1997. p. 103.
- CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto. Arte sacra popular e resistência cultural. *Cadernos de Teresina*. Ano 7, n. 14, ago, p. 19, 1993; _____. Um santeiro do Médio Parnaíba. *Revista Presença*. N. 11, abr/jun, p. 35-36, 1984.
- FREIRE, Gilberto. Nordeste. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 46.
- KIDDY, Elizabeth W. Quem é o rei do Congo? Um novo olhar sobre os reis africanos e afro-brasileiros no Brasil. In: HEYWOOD, Linda M. (Org.). *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 172
- MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: MELO E SOUSA, Laura; NOVAIS, Fernando A. (Orgs.). *História da vida privada no Brasil*. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 164.
- PINHEIRO, Áurea da Paz. *As tensões entre clericais e anticlericais no Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.
- _____. *Passos de Oeiras*. Documentário Etnográfico. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro/Minc/IPHAN/Petrobrás, 2008.
- _____. *INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais – Arte Santeira do Piauí*. Teresina: Ministério da Cultura/IPHAN, 2008.